CRÍTICA
marxista

DOSSIÊ

Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento?

*HELEIETH I. B. SAFFIOTI**

Recentemente, fui ao lançamento de um livro de Frei Betto. O restaurante estava repleto. Minha amiga e eu sentamo-nos juntas a uma mesa. Em seguida, mais duas mulheres, uma das quais ex-vítima de violência doméstica e de classe média, juntaram-se a nós. Mais tarde, também se sentou à mesa um advogado, ex-presidente da Comissão de Justiça e Paz, organismo cuja direção, presume-se, não poderia ser exercida por pessoas preconceituosas. Não sei como surgiu o assunto *condição da mulher*. O causídico, inteiramente na base do "achismo", perpetrou os maiores crimes verbais. Tivemos discussão acalorada, pois nunca uso a palavra *acho* em discussões intelectuais: ou *sei* ou *não sei*. Esta, acredito, é a única postura intelectualmente honesta. Cheguei a dizer-lhe que o fato de dormir com uma mulher, ou com muitas, não autoriza nenhum homem a discorrer sobre a situação feminina em qualquer sociedade e, muito menos, dar-se ares de sabichão. Sei que há mulheres que também cometem este erro. O distinto disto seria inesperado, pois ambas as categorias de sexo são socializadas na ordem patriarcal de gênero. Só as e os estudiosos do tema têm o privilégio de abandonar os pré-conceitos e atingir os conceitos necessários à análise da condição feminina. Obviamente, não bastam os conceitos. Dados também são necessários. O causídico ignora até a Lei 9.099, que, desde 1995, passou a reger o julgamento do maior número de casos de violência doméstica. Entretanto, *achava* que as mulheres brasileiras haviam atingido a igualdade social com os homens e que só as pobres sofrem violência doméstica. É assim que a maioria da população pensa, ou melhor, *acha*.

* Professora de Sociologia do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-SP.

Evidentemente, este fenômeno contamina o pensamento científico. Aliás, isto vem ocorrendo há cerca de 6500-7000 anos, quando os homens começaram a implantar seu esquema de dominação-exploração sobre as mulheres. Diferentemente do que a maioria pensa, ou melhor, *acha*, a ordem patriarcal de gênero é uma verdadeira recém-nascida. Com efeito, o que são sete milênios na história de uma humanidade de 250000-300000 anos? Foi nas sociedades de caça e coleta, nas quais reinava a igualdade de gênero, que os homens, desfrutando de tempo livre (a caça sendo atividade praticada uma ou duas vezes por semana), criaram os sistemas simbólicos que inferiorizam socialmente as mulheres. Tais sistemas operacionalizam-se, materializando-se em práticas sociais, em mercadorias, em rituais religiosos, além do infanticídio de meninas, do aborto seletivo de fetos femininos, etc.

O pensamento científico, uma forma mais valorizada de conhecimento e de maior credibilidade, foi se impregnando de "achismos". As e os estudiosos não podem baixar a guarda um só instante, a fim de impedir a infiltração de pré-conceitos. O fato é que todas as ciências, e não apenas as humanas, estão eivadas de "achismos". Haja vista o que se *achava* das células nervosas e o que hoje se sabe sobre elas. Desta sorte, não se pode esperar que sistemas simbólicos, portanto, *construtos mentais* presentes nas ciências não sejam portadores do vírus do "achismo". Há que o combater, criando antídotos.

Nem sempre, todavia, a sociedade reúne condições para criar um novo ponto de observação a partir do qual se possam fazer críticas aos esquemas de pensamento consagrados. Feministas procederam deste modo, submetendo tais esquemas a escrutínios rigorosos. Diversamente do que ocorre com freqüência com os esquemas masculinos, muitas de nós assumimos o feminismo como uma postura científico-política acidamente crítica, o que não significa sempre correta.

Em 1979, Heidi Hartmann publicou um trabalho afirmando que as categorias marxistas são *sex-blind*.[1] Esta denúncia difundiu-se rapidamente dentre as e os estudiosos antimarxistas e até mesmo dentre simpatizantes de Marx, incapazes de reformular conceitos antigos e/ou formular novos. Nunca li nenhuma publicação que contivesse a mesma afirmação a respeito do (neo)positivismo ou da sociologia da compreensão. O objetivo era encontrar defeitos no marxismo, o que não é difícil, como não o é nos demais construtos mentais formulados da óptica patriarcal. Fora do feminismo não existem conceitos

---

[1] Hartmann, Heidi. "The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism: Towards a More Progressive Union", *Capital and Class*, n. 8, 1967, p. 1-33. Versão muito semelhante foi publicada em 1981, In Sargent, Lydia (org.) *Women and Revolution – A Discussion of The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism.* Boston: South End Press, p. 1-42.

sensíveis à questão de gênero. Por que Marx foi escolhido? Razões ideológicas não faltam. Outro motivo consiste na hegemonia deste pensamento, no século XX, em várias partes do mundo. Mas Freud também não é um pensador dominante? Muito mais misógino que Marx, Freud foi, a meu ver, muito menos atacado que o primeiro. Mais do que isto, nunca li que as categorias freudianas são cegas para o gênero. Este terreno é o da epistemologia. Por que, então, se rejeitam alguns conteúdos da obra de Freud, sem colocá-los em xeque do ângulo epistemológico? Freud serve a muitos interesses, sobretudo aos patriarcais. E Marx? Muito menos. Os poderosos de todos os tipos preferem Freud *e la nave va*.

A função precípua de qualquer cientista que se preza consiste em fazer avançar a ciência. De que forma? Salvo os gênios, que têm uma idéia brilhante por dia, o trabalho é de formiga mesmo: reformulação de velhos conceitos e formulação de novos. Mas aqui, *la nave va* muito mais vagarosamente.

A sociedade não comporta uma única contradição. Há três fundamentais, que devem ser consideradas: a de gênero, a de raça/etnia e a de classe. Com efeito, ao longo da história do patriarcado, este foi-se fundindo com o racismo e, posteriormente, com o capitalismo, regime no qual desabrocharam, na sua plenitude, as classes sociais. *Acham* muitos que a opressão (exploração-dominação) não só das mulheres, mas também delas, era muito mais aguda no passado remoto. O capitalismo teria aberto as portas do mundo do trabalho para a mulher. Não foi nem é assim. O capitalismo abriu as portas sim, mas do *emprego*, pois as mulheres já trabalhavam, havia muito tempo, mais que os homens. A realidade social é contraditória, comportando avanços e retrocessos. Como ilustração destes últimos, lembra-se a Lei 9.099/95, que liberou os maridos e companheiros para a agressão física, psicológica e sexual contra suas mulheres.

O nó formado pelo patriarcado-racismo-capitalismo constitui uma realidade bastante nova, que se construiu nos séculos XVI-XVIII, e que não apenas é contraditória, mas também regida por uma lógica igualmente contraditória[2]. Não é possível pensar o econômico desvinculado do político, e o próprio Marx foi explícito a este respeito. Enquanto a dimensão política de uma classe social não for constituída, ela não é verdadeiramente uma classe capaz de lutar por seus interesses. Foi, por conseguinte, o próprio Marx que me ensinou a pensar o nó, embora em sua época não lhe tenha sido possível fazê-lo. Aliás, o mais importante em um esquema de pensamento consiste no vigor de poder ensinar

[2] Saffioti, Heleieth I. B. "No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual". In Madeira, Felícia R. (org.) *Quem mandou nascer mulher?* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/Unicef, 1996. p. 135-211.

a pensar. Se assim não fora, para que serviriam os já velhos de um século ou um século e meio?

Rigorosamente, o econômico e o político integram o social de maneira indissolúvel. Ou seja, o econômico e o político são consubstanciais ao social. Não assiste nenhuma razão ao presidente da República no que tange a sua afirmação de que a greve dos professores era um movimento político e não social. A sociedade é uma totalidade, não com articulação entre elementos isolados, mas *orgânica*, como bem ensinou Marx. O que ele não ensinou a ninguém foi o papaguear do que já havia realizado. A lealdade intelectual a um pensador deve se estabelecer para com premissas, primícias e postura científico-política e não necessariamente com todos os seus achados. Este é o sentido positivo da ortodoxia. Radicalismo não; radicalidade sim, ou seja, tomar as coisas pela raiz: o ser humano. Ensinar a pensar constitui tarefa bem realizada por Marx. Mas o conhecimento se produz na relação. O aprendiz precisa apresentar disponibilidade emocional e DNA adequados. Para o materialismo histórico, o substrato material de todos os fenômenos sociais apresenta importância inquestionável. E o DNA, sem dúvida, é um substrato material cuja qualidade pode prejudicar o pensamento e até mesmo torná-lo impossível. Felizmente, há DNA também capaz de produzir novos conhecimentos, possibilitando a um elevado número de pessoas agregar seu grãozinho de sal no processo de fazer avançar a ciência.

Substrato material, porém, não significa, forçosamente, apenas DNA; pode significar também compromissos: poder, propina, promiscuidade com a *res publica*. Ainda pode significar compromisso com a maioria da população. É por isso que costumo dizer e escrever: "A representação é a subjetivação da objetividade que, na condição de mola propulsora da ação, volta para o mundo da objetividade."[3] Não tem compromisso com interesses nem inverte necessariamente os fenômenos, é viajora, é livre. Sua gênese pode ser o indivíduo, uma categoria social, uma classe social. A ideologia, ao contrário, nasce comprometida com interesses de gênero, de raça/etnia, de classe social. Em seu imo reside a inversão dos fenômenos, parte integrante do processo de dominação-exploração. Uma sociedade igualitária prescinde de ideologias, mas nunca as sociedades clivadas por desigualdades sociais (a redundância é proposital) o farão. Nenhuma sociedade, creio eu, poderá dispensar as representações, verdadeiros veículos da interação social.

Enquanto se viver em uma sociedade ideológica, haverá sempre espaço para o "achismo". A melhor maneira de não temer os esquemas patriarcais de

---

[3] Saffioti, H. I. B. e Almedia, S. S., *Violência de gênero: poder e impotência.* Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

pensamento consiste em lutar, de todas as formas possíveis, por uma sociedade menos injusta. Isto eqüivale a desenvolver uma práxis conforme a este objetivo, seja falando curto e grosso no banco, exigindo o cumprimento das leis ou trabalhando para mudá-las, e brigando com machistas de todos os naipes, trate-se de homens ou mulheres, de presidente da Comissão de Justiça e Paz ou da República. A título de ilustração, este último afirmou, há tempo, que nós, mulheres, devemos pagar mais para a Previdência Social, porque vivemos mais que os homens. Mesmo o bom DNA custa caro para as mulheres! É por isso que faltam cem milhões de mulheres, segundo Sen[4], e sessenta milhões, de acordo com relatório da Innocenti. Mesmo assim, e talvez por isto mesmo, estamos conseguindo abrir algumas picadas, que poderão se tornar avenidas e auto-estradas. Para atingir este objetivo, ou seja, da igualdade social, seria interessante que marxistas ortodoxos no sentido negativo atribuíssem ao gênero, como fez Engels, e à raça/etnia o mesmo estatuto teórico da classe social.

---

[4] Sen, Amartya. "Faltan más de 100 millones de mujeres". In *La mujer ausente.* Santiago, Chile: Isis Internacional, Ediciones de las Mujeres, nº 15, p. 27-40.